



A crônica como interseção entre jornalismo e literatura¹

Gabriela RAMOS²
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Gênero ambíguo, que passeia pelo jornalismo e pela literatura – tendo nascido com características de texto histórico – a crônica apresenta muito das transformações na imprensa brasileira. Da imprensa artesanal até a industrial, o gênero foi se desenhando e apresenta-se hoje como tipicamente brasileiro. Com base em estudiosos de jornalismo e de literatura – como Hélio Arnt e Massaud Moisés – serão feitas observações sobre as mudanças ocorridas na imprensa e no gênero crônica, focando no conceito de crônica-conto.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; jornalismo; literatura; história.

Introdução

A crônica, gênero brasileiro eminentemente híbrido, tem estruturas narrativas que passeiam pelo jornalismo e pela literatura, cuja poeticidade ficcional das sensações e dos sentimentos universais humanos é transmitida por meio de uma estrutura verossímil. Normalmente publicada em jornais e revistas, a crônica fica entre a morte simbólica do jornal no fim do dia, com as informações velhas, e a permanência como texto literário, proporcionada com a publicação em livro.

Com uma estrutura que está longe de ser estática, a crônica vai se desenhando dentro das transformações ocorridas durante os períodos históricos. Alguns teóricos apontam como uma evolução dos folhetins do início do século XIX, os quais tinham espaço nos rodapés das páginas das publicações impressas e, costumeiramente, transformavam-se em livro, após reunião e edição dos textos que haviam sido divulgados nos periódicos. A evolução para a crônica se dá no momento em que ela ganha novas configurações nas suas características, com as mudanças no jornalismo e na literatura na segunda metade do referido século.

A partir das novas estruturas que a crônica incorpora, identificam-se possíveis subgêneros, também presentes nos folhetins de outrora, como a crônica de variedades, a crônica de costumes e a crônica-conto. Os textos que apresentavam para a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da UFC, e-mail: gabiramossouza@gmail.com.



população os acontecimentos e os costumes da província, mostrada a partir da opinião de um narrador, com foco normalmente em terceira-pessoa são as ditas crônicas de costumes. Já as crônicas-conto, de caráter literário não apresentam um padrão de foco narrativo, variando com o estilo do autor e são as que mantêm o forte vínculo entre jornalismo e literatura, podendo perdurar para a posteridade e são muitas vezes classificadas como contos. No decorrer do trabalho e com a apresentação dos conceitos, poderemos observar os passos para onde convergiram as mudanças dos tipos de textos presentes na imprensa, sendo a crônica-conto uma conceituação que contempla as mudanças da relação da literatura com as páginas dos periódicos.

Desse modo, o trabalho irá observar primeiramente, de forma breve, alguns aspectos históricos da imprensa para então chegar as relações entre jornalismo e literatura. Finalmente, serão observadas conceituações referentes aos conceitos de crônica e crônica-conto, que mantém uma relação direta com o caráter literário.

1. Transformações no jornalismo do século XIX

A imprensa no Brasil sofreu uma série de transformações nos primeiros anos desde o surgimento do primeiro jornal em 1808, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Por meio da imprensa, as divergências políticas acaloravam as discussões, sendo usada como forma de despertar opiniões e dar força na luta pelo poder. Porém, a luta não ficou só nos jornais. Ela transcendeu para as ruas, nas manifestações, desde a Revolução de 1817, passando pela Confederação do Equador em 1824 e seguindo em outras subsequentes – que mudaram as configurações sociais e marcaram a história brasileira³.

Com publicações mais voltadas para temas os políticos, a divulgação da produção literária aos poucos ganhou espaço nas décadas seguinte. Em 1812, as *Variadas ou Ensaio de Literatura*, da Bahia, teria sido o primeiro jornal literário do País. “Foi um ensaio frustrado de periodismo” (Sodré, 1999:30). Mas, no ano seguinte, 1813, com a circulação no Rio de Janeiro da revista *O Patriota*⁴, se terá uma manifestação intelectual significativa, mesmo com duração efêmera. No decorrer do

³ “(...) A imprensa se desenvolve em estreita ligação com a atividade política; aparece antes e cresce mais depressa nos centros em que aquela atividade é mais intensa; demora e cresce lentamente nos outros, nas províncias que se mantêm politicamente atrasadas. Chega ao máximo em todas as áreas em que, daí por diante, as formas de luta política se apresentam mais variadas e avançadas: assim quando dos movimentos armados de rebelião que vão sacudir o país na primeira metade do século XIX”. (Sodré, 1999:105)

⁴ Era uma revista voltada para a divulgação das ciências e das letras, onde foram publicados textos de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga.



referido século, as transformações no jornalismo aconteceram ao poucos e em ritmos diferentes nas províncias do Império, dando espaço cada vez mais à literatura.

Com isso, traremos reflexão sobre as mudanças no jornalismo – até a classificação da prática como atividade mercantil – a partir do pensamento de Jürgen Habermas sobre a imprensa europeia. Apesar de se remeter a períodos anteriores, as transformações podem ser observadas no Brasil. Habermas destaca que a partir das mudanças da imprensa é possível compreender as transformações da esfera pública. Inicialmente elaborados de forma artesanal e com pequenos lucros, os jornais vieram a se solidificar como negócio de maior porte econômico apenas anos mais tarde, com a automatização da redação. Primeiramente, as atividades e a atuação da imprensa eram mais voltadas para um caráter informativo, por meio da coleta e organização das informações. Porém, aos poucos o jornalismo de opinião ganhou espaço a partir do início de novos períodos político e econômico.

Os jornais transformaram-se de puras organizações para publicar notícias em, também, portadoras e condutoras da opinião pública, meios de luta da política partidária. Isto teve, para a organização interna da empresa jornalística, a consequência de haver se inserido entre a coleta e a publicação de notícias um novo membro: a redação. Para o editor de jornal, contudo, isso significou que ele passou de vendedor da notícia a comerciante da opinião pública. (BÜCHER *apud* HABERMAS in MARCONDES FILHO, 1984, p.142)

Com o jornalismo literário em uma segunda fase, os interesses comerciais ficaram em segundo plano⁵. Nessa imprensa periódica se integraram também escritores que buscavam promover e divulgar os textos “movidos com intenções pedagógicas” de eruditos da aristocracia. Em uma fase capitalista indicada por Habermas, denominada como terceira fase, a imprensa apresenta-se como mercadoria, abrindo espaço para anúncios. É um momento que conta com a modernização da imprensa na formação de uma empresa lucrativa em que, além dos interesses próprios, ganhavam espaço interesses que vinham de fora.

Se Habermas reflete sobre a imprensa nos séculos XVIII e XIX, apresentando mudanças marcantes nos anos de 1830 na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos; no Brasil, as mudanças ocorreram em períodos diferentes – sendo percebido de maneira mais intensa no final do século XIX. Contudo, ela ocorre de forma não-linear, sendo difícil estabelecer prontamente o marco de cada fase indicada.

⁵ “A autonomia jornalística do redator ficava sensivelmente limitada, aliás, também *naquela* forma de imprensa, que não se submetia às leis do mercado, mas que servia primeiramente a fins políticos, nesse caso mais aparentada ao jornalismo literário das revistas polêmicas” (Habermas in Marcondes Filho, 1984:146).



Não é difícil perceber certas correspondências entre a natureza das mudanças nas imprensas européia e brasileira. O nosso século XIX foi marcado pela forte presença dos impressos de caráter político – como atesta o papel que os mesmos desempenharam na luta pela Independência, na crise aberta com a abdicação de D. Pedro I, em 1831, ou no movimento em prol da Abolição, enquanto a subsequente atualização tecnológica apontou para a transição rumo ao mercado. (LUCA *in* MARTINS; LUCA, 2008, p. 154)

A partir dos avanços técnicos e com a possibilidade de multiplicação das tipografias, começaram a ser adotados métodos que possibilitaram a maior rapidez na divulgação da informação, ocasionando na transformação para empresa. “Sem abandonar a luta política, os diários incorporaram outros gêneros, com notas, reportagem, entrevistas, crônicas e, ao lado da produção ficcional, que só lentamente perdeu espaço nos grandes matutinos, compareciam os inquéritos literário”⁶. Aos poucos, uma nova imprensa vai surgindo no Brasil que se configura com o movimento de emancipação. Sem o desaparecimento dos pasquins, mas com mudanças econômicas que caminham para o capitalismo, a imprensa acompanha as transformações estruturais e ideológicas. Desse modo, a prática jornalística passa a ser segmentada e passa a oferecer, de forma mais clara, um produto comercial.

2. Literatura e Jornalismo: distanciamentos e proximidades

Para entender a linha tênue que une e separa jornalismo e literatura, é necessário refletir sobre diversos elementos que podem aproximar e distanciar os dois campos de estudos. Partindo de um ponto comum, o domínio da palavra é característica que permeia ambas as atividades. A busca pela qualidade da representação, seja ela de um fato real ou imaginário, costuma ser constante em publicações tanto jornalísticas como literárias.

Por isso, o domínio da palavra não deve ser entendido apenas como o profundo conhecimento da língua e suas estruturas sintáticas e morfológicas, mas também das estruturas narrativas e das possibilidades estilísticas. A melhor representação será aquela que conseguir conquistar o leitor, “prendendo-o” ao texto. As maneiras de construção da estrutura textual e do desenvolvimento da narrativa, levando em consideração os contextos e elementos internos ou intrínsecos, proporcionam a interação e o reconhecimento do leitor. Os objetivos do escritor passam a ser, normalmente, o de obter uma escrita primorosa e o de contar uma boa história, ao invés de apenas informar – mesmo quando se trata de jornalismo.

⁶ Luca *in* Martins; Luca, 2008:152.



(...) jornalismo e literatura são atividades que se aproximam porque sobrevivem do mesmo meio, a palavra, e do mesmo fim, a conquista de leitores (...). Tanto melhor será o jornalismo quanto mais houver de inspiração literária. E tanto melhor será a literatura quanto nela couber o que de mais importante há no jornalismo: a sedução”. (ARAÚJO *in* CASTRO; GALENO, 1993, p.97)

São muitos os grandes escritores da literatura brasileira que mantiveram relações com as duas áreas, como Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto, João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros. Porém, do ponto de vista de parte dos estudiosos do campo literário, é possível observar o quanto a prática jornalística é tida como inferior e é, por vezes, esquecida como tendo sido fundamental na formação de muitos escritores importantes de épocas anteriores. Talvez, a configuração de hoje das redações e mesmo da estrutura jornalística atual não tenha permitido que a forte influência do jornalismo permaneça como antes na formação de intelectuais. Contudo, a partir de uma leitura mais apurada – livrando-se dos preconceitos – e da observação das mudanças de estilo de escritores que se dedicavam à prática jornalística e trabalhavam nas redações, pode-se perceber evoluções na escrita deles com o passar dos anos⁷. Mesmo os escritores que conservaram relações com as atividades políticas, como foi o caso de José de Alencar, as produções literárias não se mostram inferiores – o que não pode ser observado em todos os casos dos que mantiveram essas relações.

Poderíamos contemplar o ‘território’ de ambas as práticas como um conjunto em interseção com outro conjunto: há dimensões da literatura que pouco ou nada têm a ver com o jornalismo, dimensões do jornalismo alheias às práticas literárias e, finalmente, um espaço compartilhado no qual não é tão fácil distinguir um e outro tipo de discursos e que, inclusive, têm tido um processo de transferência (...). (MEDEL *in* CASTRO; GALENO, 1993, p.23)

Se hoje o escritor é visto como autor de textos de qualidade superior – dedicado à escrita de ficção e cujo trabalho pode resultar em textos complexos e profundos, enquanto o jornalista, na calorosa movimentação de uma redação, busca escrever textos objetivos que propõem representar o real –, em séculos anteriores ele normalmente começava a carreira dentro dos jornais, com trabalho diário, semanal ou quinzenal. Desse modo, adquiria prática no cotidiano do jornalismo, podendo dar desenvolvimento ao texto poético com rapidez e propriedade. O trecho seguinte detalha essa relação:

(...) a própria história do jornalismo brasileiro que, como aconteceu em outros países, nasceu ligado à literatura e à política, demonstrou uma longa convivência entre os discursos, como comprovam não apenas as seções de variedades e os folhetins, de onde surgiu a nossa crônica, como também o exemplo maior de *Os sertões*, de Euclides da

⁷ A prática diária da escrita, que obriga agilidade e criatividade, tornou-se instrumento de treino de muitos escritores – proporcionando e “forçando” o desenvolvimento de habilidades literárias.



Cunha. Além disso, a trajetória de grandes escritores brasileiros e de outros países, passando alguns momentos pela prática jornalística, ainda que tal passagem seja objeto de controvérsias, alimentando o desejo latente de se imitar o salto consagrador e fazer da literatura um ideal a ser atingido por todo jornalista. (COSSON *in* CASTRO;GALENO, 1993, pp. 59-60)

Escritores-jornalistas ou jornalistas-escritores eram aqueles que dominavam o dom da palavra e, na lida cotidiana, apreendiam a melhor forma de trabalhar em textos que ficariam para a posteridade, com a arte literária. “Antes o autor via a oportunidade de escrever em jornal com ansiedade, como um meio de praticar uma literatura mais veloz mas nem por isso mais fútil. O jornalismo era ‘batismo de fogo’ para qualquer escritor (...)” (PIZA *in* CASTRO; GALENO, 1993, p.134).

3. Por que a crônica-conto?

Indefinida, múltipla, despreziosa, descompromissada. A crônica não é um gênero fechado, está longe de padrões rígidos e fixos e, por isso, levanta diversos questionamentos. Como definir crônica? Como delimitar o que é incerto? Essas e outras perguntas não estão totalmente respondidas por especialistas em literatura ou jornalismo quando se fala sobre o gênero. “Mário de Andrade dizia ser o conto tudo aquilo que se queria chamar de conto; Fernando Sabino, parafraseando o escritor modernista, define a crônica como tudo aquilo que se quer chamar de crônica” (BENDER, 1993, p.44).

São muitas as temáticas que podem ser abordadas, resultando em várias classificações – crônica literária, reflexiva, lírica, de humor, de esportes, opinativa, dentre tantas outras. Ao definirmos como gênero híbrido e ambíguo apresentamos as principais justificativas para a dificuldade de se estabelecer bem os parâmetros de diferenciação em relação aos demais gêneros – artigo, conto, resenha, comentário. Comparando-os, é possível identificar convenções, em cada um deles, cuja maleabilidade é bem menor, ou seja, os casos em tais gêneros apresentam características excepcionais podem ser mais facilmente identificados e costumam ocorrer com frequência menor que no caso da crônica.

Para ser enquadrada como gênero⁸ literário ou jornalístico ela deve seguir determinada norma de estruturas assim como uma lógica linguística comum e pré-estabelecida, para que possa ser facilmente identificada dentro de um contexto de estilo

⁸ “A questão é que o gênero textual (...) reflete pungentemente a estrutura do mundo em que está inserido, ou seja, as ações e intenções de um grupo, onde pode ser uma estrutura relativamente convencional, mas também as ações e intenções de um indivíduo para as quais, muitas vezes, um aparato genérico quase que completamente novo precisa ser criado” (Bonini, 2002).



e de linguagem. Mesmo não sendo um gênero fechado, a crônica também segue alguns padrões, possuindo características específicas. Pois, para ser alcunhada como gênero, é preciso que algumas “regras” existam.

Porém, a crônica não é o único gênero que foge às suas próprias regras. Todos os outros tipos textuais estão sujeitos a alterações que dependem da forma de uso nos meios comunicantes, dos comunicadores e dos receptores. Uma das maiores características da crônica apontadas pelos estudiosos não são essas regras ou padrões comuns, mas as muitas possibilidades textuais e estilísticas que a tornam quase que indefinida e singular dentro das classificações.

A tipicidade de um gênero na maioria das vezes não acarreta de um contrato social implícito, mas de uma prática comunicativa que se repete. Em meio aos fragmentados terrenos convencionais comuns (os aparatos genéricos), sobre os quais temos um poder de uso consciente, paira uma massa de expressões textuais que simplesmente se desencadeiam das ações das pessoas no mundo. (BONINI, 2001, p.2)

A crônica, ao fugir de uma série de “amarras” linguísticas, marca um território próprio. Para muitos estudiosos ela traz muito de um perfil de gênero eminentemente brasileiro – longe de alguns padrões latinos ou europeus, este último como foi o caso dos folhetins herdado no Brasil dos franceses. Apesar de não ter nascido no Brasil, o gênero foi fundamental na consolidação de um caráter literário nacional⁹, a partir da observação da vida e das pessoas sob o ponto de vista pessoal do cronista que normalmente utiliza-se de uma linguagem coloquial, aproximando o leitor. O objetivo era criar um público – pois, para as dimensões que a imprensa passou a tomar com a industrialização, ele ainda insipiente, devido aos grandes índices de analfabetismo – e, de certo modo, manter uma tradição literária.

A marca peculiar da crônica foi construída no correr dos anos e, também, “ao correr da pena dos escritores”¹⁰, traçando um caminho na história da imprensa em que une efetivamente literatura e jornalismo. Por meio da crônica os grandes escritores floresceram. O que seria da literatura brasileira sem Machado de Assis, Olavo Bilac, Carlos Drummond de Andrade ou Clarice Lispector? Todos eles despontaram como cronistas para depois enveredar – ou produzir paralelamente – nos outros tipos textuais considerados mais difíceis e nobres, quando se fala de literatura. Do gênero menor, que

⁹ “A história da crônica no Brasil está ligada ao projeto de formação de uma literatura brasileira no século XIX. O compromisso romântico de fundação de uma literatura nacional pode ser notado nos nossos primeiros folhetins publicados nos jornais da época, dos quais a crônica é uma variante. No geral, tratava-se de uma produção engajada na construção da literatura brasileira enquanto “sistema”, ou seja, como conjunto de obras que formam uma tradição literária e que possuem entre si denominadores comuns” (Portolomeos, 2008:1).

¹⁰ *Ao correr da pena* (1854-1855) também é o nome da crônica semanal escrita por José de Alencar no jornal *Correio Mercantil*.



poderia não ser considerado literário por estar nas folhas do jornal, desenvolveram-se, despontaram e fluíram as palavras de alguns dos cânones das nossas letras e, também, de estrangeiros.

Nele, as duas áreas parecem tocar em um mesmo ritmo unísono, caminham de mãos dadas, são dois e ao mesmo tempo um, de tão difícil que é despregá-las em uma simples ou complexa análise. Desse modo, é um gênero de difícil definição, até porque surgiu em um momento de constantes mutações da imprensa, no auge das manifestações e transformações culturais e, conseqüentemente linguística, empregados no estilo de texto dos veículos de comunicação do início do século.

Essas mudanças seguiam em consonância com as transformações históricas, por isso podemos identificar a origem histórica do gênero com as crônicas de viagens. Só na primeira metade do século XX é que a crônica vai apresentar características mais facilmente identificadas, cujo foco é a simplicidade dos acontecimentos corriqueiros do cotidiano – mas nem por isso torna-se um gênero com definições muito precisas. Concomitantemente, a parceria entre as duas áreas – jornalismo e literaturas – apresenta momentos em que se repelem e se unem, ao observarmos também sob essa ótica histórica dos acontecimentos e ao não priorizarmos fatos jornalísticos em detrimento dos literários ou vice-versa.

No caso de muitos textos publicados em periódicos, alguns são identificados por estudiosos preliminarmente como contos por apresentar forte caráter literário. Mas, por que não indicarmos como crônicas já que esses textos são filhos de um periódico? Nasceram em uma revista ou em um jornal que destinava espaço específico para “devaneios” dos autores, histórias ficcionais dos. Os mesmos escritores que muitas vezes estiveram envolvidos com outras publicações jornalísticas – fato comum no século XIX e início do XX quando as figuras do jornalista e do escritor se confundem. Por que não, também, a crônica-conto? Nas ditas crônicas-contos os textos passeiam pelos dois gêneros, crônica e conto, como que despreziosamente. A classificação não significa que os textos passam a ter importância menor, que não ultrapassaram a perenidade do periódico.

A crônica voltada para o horizonte do conto prima pela ênfase posta no ‘não-eu’, no acontecimento que provocou a atenção do escritor. Na verdade, a ocorrência detonadora do processo de criação não só possui força intrínseca para se impor ao ‘eu’ do cronista como não lhe desperta lembranças ocultas ou sensações difusas. Não significa que o escritor se alheia do acontecimento, pois que a própria crônica testemunha uma adesão interessada – mas que o acontecimento tão-



somente requer que o seu *cronista*, inclusive no sentido etimológico do termo, ou seja, o seu historiador. (MOISÉS, 1967, p.115)

4. Surgimento e concepções do gênero crônica

Ao termos a crônica como gênero literário, podemos observar que as características e as indefinições perpassam duas áreas de estudo comuns: a literatura e o jornalismo, assim como também comumente apresenta aspectos históricos. Se para alguns a crônica pode parecer um gênero literário menor, por ter nascido e por sua existência se dar por meio dos periódicos – jornais e revistas – para outros é da simplicidade eminente que nascem as belezas da literatura, com caráter o ficcional do texto e os aspectos reflexivos sobre acontecimentos simples cotidianos. As condições de existências do gênero também é frequentemente discutida pelos escritores, em crônicas metalinguísticas. Machado de Assis foi um dos que discorreu sobre o assunto no texto *O nascimento da crônica*, como segue trecho abaixo:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Ao nos depararmos com os sentidos etimológicos, é possível obter a ideia primordial do termo crônica. Do grego, *chrónos*, que remete a tempo. Na mitologia grega, com o deus Cronos¹¹, também é possível fazer essa analogia. Finalmente, do latim *chronica* que significa relato seguido em uma ordem temporal – cronológico. Desse modo, o termo crônica¹² inicialmente era tido como relato cronológico de fatos históricos, escritos por meio de uma narrativa – representando o resgate do tempo. E era por meio dela que os portugueses registraram os primeiros contatos com os povos indígenas e com as terras brasileiras – descrevendo a exuberância e riqueza da natureza assim como os hábitos, para eles, incomuns dos índios, como de andar nus.

¹¹ Junito Brandão denomina o deus como Crono, filho de Urano, que castrou o pai, e pai de Zeus, sendo destronado por este filho. Crono devorava todos os filhos a fim de evitar a profecia de que seria destruído por um deles. “CRONO, em grego Krónos, sem etimologia certa até o momento. Por um simples jogo de palavras, por uma espécie de homonímia forçada, Crono foi identificado muitas vezes com o *Tempo* personificado, já que, em grego Khrónos é o tempo. Se, na realidade, *Krónos*, Crono, nada tem a ver etimologicamente com *Khrónos*, o Tempo, semanticamente a identificação, de certa forma, é válida: Crono devora, ao mesmo tempo que gera; mutilando a Urano, estanca as fontes da vida, mas torna-se ele próprio uma fonte, fecundando Réia”. (1986:198)

¹² “Num sentido genérico, usa-se a palavra crônica para indicar, até hoje, o registro de uma comunidade e de uma época, as memórias de um passado que se quer fixar”. (Laurito, 1993:14)



A crônica é gênero que comumente se confunde com os outros. Anteriormente, essa relação era maior com os fatos históricos, apesar de sempre preservar algumas de suas peculiaridades. Se a indefinição é o elemento primordial da crônica da atualidade, essa também foi marca dos folhetins de outrora. A crônica é herdeira dos folhetins – originários da França (do francês *feuilleton*). A relação não vem do sentido etimológico, como descrito no parágrafo anterior, e sim no que representou dentro da atividade literária e jornalística, em cujo espaço específico nos periódicos era onde se podia discorrer sobre tudo – ficando a cargo do escritor e da criatividade dele. Porém, diferentemente das crônicas, o destaque mesmo dos folhetins ficavam para as longas histórias – também ficcionais e publicadas nos rodapés dos jornais.

De início – começos do século XIX – *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, que é oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica. (MEYER, 1992, p.96)

E por meio destes espaços nos jornais, com o folhetim¹³, que foi possível ter acesso a obras estrangeiras traduzidas¹⁴, como de Fiódor Dostoiévski, Victor Hugo e Léon Tolstói. Também começaram a escrever escritores brasileiros, tendo-se início com a publicação em folhetim, no *Correio Mercantil*, de *Memórias de um sargento de milícias* (1853), romance de Manuel Antônio de Almeida, segundo Héris Arnt.

O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, permitindo a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria. (Sodré, 1999:243)

Os romances-folhetins perduraram até o século XX, mas perderam força com o surgimento da imprensa industrial em meados deste século. Até porque, como

¹³ “No Brasil analfabeto, os folhetins vão ter uma importância maior do que a pequena penetração dos jornais permitira, graças à leitura oral. Os filhos letrados liam os folhetins para os empregados agregados. Na Inglaterra, as obras de Dickens eram lidas para os operários analfabetos. O folhetim que foi realmente massificado na Europa, principalmente na França, serviu como estímulo à alfabetização”. (Arnt, 2002:96)

¹⁴ Nesse caso, trata-se do folhetim-romance ou romance-folhetim. Esse gênero trazia trechos de romances ficcionais em prosa – muitos deles publicados em livros posteriormente. A divisão em capítulos, gerando tensão aos leitores para ler o capítulo seguinte, nos remete ao estilo das radionovelas e das telenovelas que ainda são tão difundidas atualmente. Para os escritores, a vantagem é de poder ter uma prévia sobre os gostos do público – sendo identificada a partir da receptividade do texto. Dependendo da repercussão, era possível mudar os rumos da história no decorrer dos capítulos, tornando-a mais interessante.



detalhado no capítulo anterior, na fase anterior à imprensa industrial as publicações eram de caráter político ou literário. Após esse período, e ainda sem uma gama de editoras que pudessem contemplar os seus trabalhos, os escritores continuaram na labuta, sendo remunerados pelos escritos nos jornais¹⁵.

Além dos romances em folhetins – que era escritos ficcionais – havia o folhetim-variedades¹⁶ que é considerado como o gênero que deu origem à crônica, segundo Laurito. E é nesse espaço em que os escritores vão ter maior liberdade para traçar um estilo de texto, conquistar leitores e treinar a escrita. Ao mesmo tempo em que falam de coisas simples e banais os escritores vão construindo verdadeiros textos literários – cuja qualidade vai depender da habilidade do redator. Arnt afirma que “a origem, pois, do folhetim não é o romance semanal, publicado em capítulos, mas a crônica de assuntos diversos e o espaço que ocupa no jornal” (2002:55). Desse modo, confundem-se folhetim e crônica, mostrando cada vez mais uma proximidade.

Grande exercício para presentes ou futuros grandes escritores, o folhetim de variedades era uma matéria periódica em que a literatura brasileira ia formando e afirmando e mediante a qual um público fiel adquiria o hábito de leitura. O valor e a sedução dessa seção do jornal dependiam do talento e do estilo do escritor, ainda que a marca fosse o tom ligeiro e descomprometido, geralmente e propositadamente “frívolo”, para conquistar a empatia do leitor. (LAURITO, 1993, p.16)

Dentro das transformações, assim como o folhetim tendeu mais para o romance em prosa, a crônica também pendeu para um estilo que se assemelha com o conto – ligados pelos textos literários ficcionais, mas separados pelo estilo e, principalmente, tamanho dos textos. Outra característica comum entre folhetim e crônica, além dos que se tratava de “variedades”, são os textos metalinguísticos, em que folhetinistas e cronistas falam da prática da escrita – sobre a falta de assunto, a necessidade de preencher as linhas e demais dificuldades.

Mesmo sendo contemporâneo da crônica, o folhetim pode ser sim indicado como antecedente à crônica. Com a perda de espaço do folhetim, a crônica sobreviveu, mesmo sem a mesma força, mas reascendendo sempre o caráter literário que a imprensa poderia e ainda hoje pode trazer. Diferente da prolixidade do romance-folhetim, que se

15 “Como os escritores mantinham contrato por tempo de publicação, eram obrigados a esticar os episódios. (...) Muitos escritores ganhavam por linhas escritas – o que era comum nos contratos na França – o que significava que quanto mais longo o capítulo, maiores eram os rendimentos. A maioria dos escritores que escrevia para jornais sofria de uma certa prolixidade: tal como Dickens e Alexandre Duma. O que não aconteceu com Balzac, nem com Machado de Assis.” (Arnt, 2002:100)

16 “Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabiam – ainda quando em outras folhas que não a inicial – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo”. (Laurito, 1993:16)



alonga por capítulos, a crônica literária é texto curto e rápido, adequada para o modelo industrial hoje empregado.

Apesar de classificarmos como textos literários os trabalhos de escritores publicados na imprensa, nem todos era de excelente qualidade literária, principalmente quando observamos o início do século XX. No período classificado como o pré-modernismo, Sodré observa que com o domínio oligárquico e a pausa no desenvolvimento do Brasil, houve também “uma fase de repouso de empobrecimento, de esterilidade em nossas letras”. “Como literatura e imprensa se confundiam, então, as repercussões no periodismo eram inevitáveis. Daí a linguagem de baixa literatice dos jornais (...)” (Sodré, 1999:288).

Apesar de ser bastante comum escritores trabalharem nas redações de jornais, a conciliação das duas práticas – jornalismo e literatura – não era simples. Muitas vezes manter a atividade paralela significava abrir mão de um maior aprofundamento na arte literária. Além disso, não havia boas oportunidades de destaque naquele período. Desse modo, era comum eles se submeterem ao tempo e aos espaços regradados pelos jornais. Para os insatisfeitos, era possível – mas não menos difícil – buscar outras formas de ganhar destaque.

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. (...) No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume *O Momento Literário*, uma das perguntas era esta: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” A maioria respondeu que bom, naturalmente. Félix Pacheco esclareceu, com exatidão: “Toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa”. Medeiros de Albuquerque viu outros aspectos da questão: “É certo que a necessidade de ganhar a vida em misteres subalternos de imprensa (sobretudo o que se chama a ‘cozinha’ dos jornais; a fabricação rápida de notícias vulgares”, misteres que tomem muito tempo, pode impedir que os homens de certo valor deixem as obras de mérito. Mas isto lhes sucederia se adotassem qualquer outro emprego na administração, no comércio, na indústria. O mal ao é do jornalismo: é do tempo que lhes toma um ofício qualquer, que não os deixa livres para a meditação e a produção. (SODRÉ, 1999, p.292)

Conclusão

Diante das transformações na imprensa, as acepções de crônica também modificaram o modelo que temos hoje, ganhando as configurações atuais na década de 1930. Primeiro, ela era tida apenas a crônica história, usada, por exemplo, para relatar acontecimentos de viagens. Só depois é que ela ganha novas significações e significados



que remetem tanto às indefinições do gênero e aos aspectos ligados à simplicidade a aos temas do cotidiano.

No século XIX, predominava a literatura às reportagens. O jornalismo ainda não tinha a marca do texto preciso que estão longe das firulas dos textos políticos e literários, comuns na época. Porém, não é por isso que não podemos apresentar algumas marcas comuns na linguagem cronística, pois elas foram nascentes desde o surgimento da crônica e também estiveram presentes nos textos de *A Quinzena*. Na revista, não havia folhetins e os escritores tinham de se conter com àquelas linhas determinadas – ou se lamuriar com o excesso delas.

A característica mais presente na crônica é o olhar aguçado do escritor para acontecimentos simples do cotidiano, como já dito. E é na simplicidade que nasce uma profundidade inesperada – evidenciando grande beleza que transcende o fato atual e, desse modo, configura-a como texto literário. De efêmera, por tratar de temas presente, pode se tornar perene – principalmente quando copiladas em livros. Dentro da leveza empregada no texto, a crônica pretende conquistar o público leitor de jornal. A crônica atual divide espaço com as notícias pesadas do mundo. Antes o espaço era compartilhado com artigos políticos, outros gêneros literários e, em menor quantidade, com notícias. Como sempre há certa competição pela atenção do leitor, era essencial para o escritor desenvolver um texto que fosse compatível com ele.

Dir-se-ia que a crônica, como um gênero de rodapé, ajuda o ‘homem rodapé’, não o general ou o presidente; para esses existem os maquiáveis, os estrategistas, os constituintes. A crônica existe para o mísero mortal, ou seja, para nós, homens menores, e isso é bom, pois desperta a humanidade que há em nós e que as misérias do mundo tentam adormecer, matar talvez. O leitor se dignifica, ao perceber, nas grandes crônicas, o pequeno se eternizar, o prosaico transcender. (BENDER, 1993, p.45)

A partir das observações, percebemos a crônica como gênero que possibilitou a permanência da relação entre jornalismo e literatura de modo a caminhar junto com as transformações que a imprensa passou desde o surgimento no Brasil. Com a imprensa industrial, esse gênero acaba tendo que apresentar novas características de modo a atrair leitores e, de certo modo, a aliviar o jornal preso às notícias factuais. “A crônica (...) também se apropria da realidade do cotidiano, como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê (ou não quer ver)” (MENEZES *in* CASTRO; GALENO, 1993, pp. 163-171).

Referências bibliográficas



ARAÚJO *in* CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

ASSIS, Machado. Releituras. **O nascimento da crônica**. Disponível em <http://www.releituras.com/machadodeassis_nascimento.asp>. Acesso em 4 mai 2012.

ARNT, Hélio. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

BENDER, Flora Christina *in* BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde (Org). **Crônica: História, teoria e prática**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

BONINI, Adair. Gênero textual como signo lingüístico: os reflexos da tese da arbitrariedade. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão - SC, v. 1, n. 2, 2001. Disponível em <http://aplicacoes.unisul.br/ojs/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/176/190>. Acesso em 2 mai 2012

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. [S.l.]: Vozes, 1986. vol. I.

COSSON *in* CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

HARBERMAS, Jürgen. Do jornalismo literário aos meios de comunicação de massa. In MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). **Imprensa e capitalismo**. São Paulo: Kairós, 1984.

LAURITO, Ilka Brunhilde *in* BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde (Org). **Crônica: História, teoria e prática**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDEL *in* CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

MENEZES *in* CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. *In* CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa II**. Editora Cultrix: São Paulo, 1967. 15º edição.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

PORTOLOMEOS, Andréa. **A crônica machadiana na formação da literatura brasileira**. 2008. Disponível em <http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20brasileira.pdf>. Acesso em 29 abri 2012



PIZA *in* CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.